

MORAES, Antônio Ermírio, **Brasil S.A.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

É a primeira produção do autor que, saindo do seu cotidiano, procura mostrar outra face da capacidade intelectual que lhe é peculiar. Escreveu a peça no intuito de transmitir conhecimento e experiência que adquiriu ao longo dos anos.

A peça tem dois ângulos de visão: Teatro e Ideologia. Como Teatro, a peça é normal, onde o escritor é um estreante. O enredo é bem conduzido, muito envolvente. O espírito da peça se prende mais em transmitir uma mensagem política do que constituir-se em obra de arte. Vale a pena ler o texto e/ou assistir à peça.

Quanto à ideologia, mostra as dificuldades de um empresário nacional bem-intencionado e trabalhador, que sofre todos os percalços da vida industrial por manter-se cético a um ideal e por não conhecer a área de atuação, tornando-se vítima do escroque internacional.

Lucas, um empresário de usina de açúcar, cansado desse ramo de atividade, resolve vender todo o patrimônio e investir em um novo segmento: indústria farmacêutica. Embora seja um segmento diferente da atividade que o empresário sempre exerceu, acredita que não terá problemas para desenvolver o novo trabalho.

Como em todos os ramos, o início é difícil, mas, depois, com o tempo, tudo vai se entrosando e flui cada vez melhor. O ramo do Sr. Lucas, muito explorado por multinacionais e por empresas nacionais de grandes estruturas, que promovem uma concorrência muito acirrada entre elas e todas as pequenas empresas que tentam aquinhoar o mercado, por pouco que seja, encontra dificuldade, principalmente pelos constantes lançamentos de novos produtos, resultado de muitas pesquisas de seus laboratórios.

Além das dificuldades de mercado, o Sr. Lucas passa a enfrentar os simpatizantes da ecologia, principalmente a sua filha. O mercado passa a ser hostil, complicado e, conseqüentemente, prejudica a receita da empresa que, a cada dia, tem débitos maiores com fornecedores, com a folha de pagamento e com outros compromissos, levando a empresa a uma situação praticamente de insolvência.

O Sr. Lucas tem muitas oportunidades de reverter o “jogo”; mas, mudar sua postura, isto é, partir para “o tudo ou nada”, sonegar impostos, baixar salários e ser até corrupto, se for o caso, é veementemente rejeitado pelo empresário, que procura a honestidade como forma de realização. A cada dia que passa a situação financeira do Sr. Lucas se complica; contudo, mantém-se firme na esperança de uma solução pacífica e honesta.

Geralmente é o momento em que aparecem os “milagreiros”, que sempre se fazem presentes nas crises para solucionar os problemas empresariais e engrossar o patrimônio dos grandes grupos que se alimentam dessa situação. O Sr. Lucas, através de sua própria família, entra em contato com um consultor, que promete resolver o problema do empresário, através da transferência da empresa para outro grupo. Há esquemas já montados para esses casos e os grupos interessados prejudicam o empresário através de manobras comerciais junto a fornecedores e instituições bancárias, não deixando qualquer opção, a não ser a venda da empresa ao grupo.

É o que ocorreu. Para livrar-se dos problemas, o Sr. Lucas transferiu a empresa a um grupo, pela metade do valor que podia alcançar em um período normal.

A situação dessa empresa não difere muito daquelas a que estamos assistindo hoje. Vemos encenado o puro discurso da classe burguesa, num momento em que seu vigor ideológico, seu apelo nacional e seu significado mais genérico para o país parecem em franco desaparecimento.

Há muito tempo atrás, a sociedade brasileira chegou a idealizar o papel do empresariado nacional como fundamental. Inclusive existe um filme sobre Delmiro Gouveia, que quis implantar uma indústria têxtil no Nordeste e terminou esmagado pelos interesses do imperialismo britânico.

Um dos aspectos tristes é justamente o de nossa emancipação como país. Nossa virada desenvolvimentista, nosso processo de industrialização heróica não tiveram como protagonista uma burguesia hostil ao estrangeiro, dotada de projetos próprios de independência econômica. Preferiu-se o desenvolvimento associado, a industrialização periférica, o papel secundário que até hoje exercemos no contexto da nação.

É um dos pontos difíceis da vida do Sr. Lucas: enfrentar as multinacionais, as empresas de grande porte, que detêm uma estrutura dinâmica, o que facilita atender ao mercado com novos produtos a todo momento. O empresário nacional tentou enfrentar a concorrência, desconhecendo o segmento, e sem capital suficiente para financiar novos produtos e enfrentar a concorrência.

O empresariado sempre representou o futuro nacional, porque trazia em sua sede de lucro um suposto germe de emancipação do país. Hoje em dia é diferente.

O empresariado tem trinta ou quarenta anos de associação com o capital estrangeiro, critica aqueles que são avessos a esse tipo de negócio, enfrenta um processo de globalização, uma política econômica atípica, é penalizado com altas taxas de juros, abertura para importações e pouco incentivo às exportações.

As empresas estrangeiras que se fixam no país não são aquelas que vêm para explorar, mas são as que desejam produzir. Investem somas elevadas, acreditam no que fazem e só podem obter bons frutos. Por isso, justifica-se a idéia de que o mercado responde e premia os competentes e que os fracos, os incompetentes, os aventureiros são eliminados naturalmente para o bem da sociedade. A honestidade e a lealdade são fundamentais, mas o conhecimento mercadológico e tecnológico, a modernização para a vida da indústria são essenciais, o que a empresa do Sr. Lucas não tinha.

Verificando mais profundamente a situação da empresa do Sr. Lucas, percebemos que ele tinha um ideal, um empenho na produção de remédios, não porque julgasse que seria um bom negócio, mas porque desejava baratear o custo da saúde para o povo. Comercialmente falando, é um ideal sem fundamento, porque falta uma visão mais sólida do ponto de vista empresarial. Todos os empresários têm como objetivo “o lucro”. Ninguém investe com o objetivo de servir à sociedade, mas há sempre o interesse pessoal aliado à habilidade dos administradores.

O mal das empresas é o descontrole organizacional e a falta de planejamento adequado em todas as áreas. Por mais que se reclame, o empresariado nacional está preso a essa armadilha. A maioria das empresas vão à falência, pronunciando discursos gloriosos, combatendo o sistema econômico do país, protestando contra a política, mas nunca percebendo os seus erros, suas limitações, suas fraquezas e suas incompetências.

Prof. Acir de Souza
(Departamento de Administração)